

ISSN: 1983-8379

## Diário e escrita de si: *Minha vida de Menina* no contexto da discursividade Moderna

Lúcia Helena da Silva Joviano<sup>1</sup>

**RESUMO:** A proposta do trabalho é o estudo da conversão do diário de Alice Dayrell Caldeira Brant (Helena Morley), em obra publicada em 1942 com o título *Minha vida de menina*, no contexto do Modernismo. No diário, encontram-se relatadas passagens e situações do cotidiano de sua vida familiar e pública, quando tinha entre 13 e 15 anos, correspondendo ao período de 1893 a 1895, na cidade de Diamantina (MG). O foco dos estudos recaíra sobre a compreensão dos elementos da escrita de si, em forma de diário.

Palavras-chave: Diário, Escrita de si, Modernismo.

**ABSTRACT:** The proposed work is to study the conversion of the diary of Alice Dayrell Caldeira Brant (Helen Morley), in work published in 1942 under the title *My life as a girl*, in the context of Modernism. In the diary, are reported everyday situations and passages of his family and public life, when he was between 13 and 15, corresponding to the period from 1893 to 1895 in the city of Diamantina (MG). The focus of the study has relied on the understanding of the writing itself, in diary form.

Keywords: Diary, Writing of himself, Modernism.

### 1. No universo da escrita de si, o diário

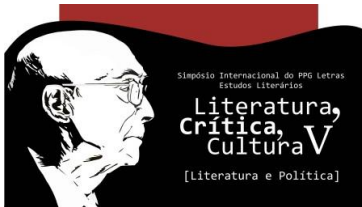
Em nota à 1<sup>a</sup> edição, Helena esclarece os motivos que a estimularam a produzir uma escrita de si:

Em pequena meu pai me fez tomar o hábito de escrever o que sucedia comigo. Na Escola Normal o professor de Português exigia das alunas uma composição quase diária, que chamávamos “redação” e que podia ser, à nossa escolha, uma descrição, ou carta ou narração do que se dava com cada uma. Eu achava mais fácil escrever o que se passava em torno de mim e entre nossa família, muito numerosa. (p.13)

A prática de uma escrita de si não é algo novo no Ocidente, nem uma invenção da Modernidade. Michel Foucault (2006), em sua análise da cultura de si praticada na Antiguidade, depara-se com a ideia de que, para preparar um homem virtuoso para o porvir a ser enfrentado durante toda a sua vida, eram necessários discursos verdadeiros e racionais. Como método de apropriação desses discursos encontrou três apontamentos, dentre os

---

<sup>1</sup> Doutoranda Estudos Literários (UFJF). Prof. de educação básica da SEE/MG e da SEEDUC/RJ; prof. e coordenadora pedagógica do Executivo Concursos/Educação.



ISSN: 1983-8379

filósofos estudados por ele: a importância da escuta, da escrita e dos retornos sobre si, ou seja, uma memorização do aprendido. Havia, então, presente no modo de subjetivação antigo/clássico a ideia e a prática de uma escrita de si:

Havia naquela época uma cultura do que poderíamos chamar escrita pessoal: tomar notas sobre as leituras, as conversas, as reflexões que ouvimos ou que fazemos com nós mesmos; conservar cadernos de apontamentos sobre assuntos importantes (que os gregos chamavam *hypomnēmata*) a serem relidos de tempos em tempos para reatualizar o que continham. (p. 607)

Essa escrita de si era entendida, como forma de organizar um conjunto de dados sobre a leitura produzida pelo indivíduo, a respeito de seu entorno, para ser usada em um momento de necessidade. Além disso, tinha como objetivo também estabelecer uma coerência interna no indivíduo, pois as ideias fragmentadas recolhidas a partir dessa escrita deveriam ganhar sentido e coesão, por meio de uma reelaboração pessoal: “tratava-se de constituir a si mesmo como sujeito de ação racional pela apropriação, a unificação e a subjetivação, de um já-dito fragmentário e escolhido” (FOUCAULT, 2006, p. 640).

A partir de tais ideias, podemos inferir que, a escrita de si inserida no campo da narrativa autobiográfica, constitui-se em uma estratégia de cuidado de si, atualizada, no sentido de poder ser um mecanismo propiciador de unidade interna, para subjetividades atormentadas pela moderna pergunta “quem sou?”. A escrita de si pode ser capaz de promover coerência e unicidade às subjetividades fragmentadas, e isso acontece em função das características próprias do discurso narrativo escrito, que na maioria das vezes, ganha contornos circulares em uma lógica do princípio, meio e fim.

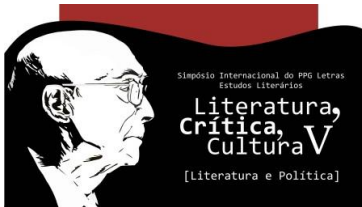
A escrita em forma de diário tem como característica primordial a presença do cotidiano, marcado não só pelo fato do conteúdo narrado centrar-se no vivido, como também por sua organização em datas, apresentadas em ordem sucessiva. Tal escrita acaba por estabelecer uma linearidade e continuidade a eventos muitas vezes díspares. Nesse sentido, em *Minha vida de menina* os assuntos destacados pela adolescente para serem narrados, apesar de se sucederem, são diversos. Como pode se verificar por esses dias destacados:

Segunda-feira, 6 de março

[...] Eu encho a colher e ponho na boca. Tomei um susto e todos caíram na gargalhada. É coisa que aconteceria a qualquer, pois nenhum de nós conhecia. Chama-se sorvete e é feito de gelo.

Quinta-feira, 9 de março

[...] Não desejo ter dor de dente porque vejo todo o mundo chorar tanto, que penso que há de doer muito. [...] Hoje eu tive vontade de sair com lenço na cara como vejo os outros fazerem, mas mamãe não deixou.



ISSN: 1983-8379

Sábado, 11 de março

Nós temos muitos tios e ainda chamamos de tios os primos velhos. [...] Quando voltamos pra casa já estava muito escuro. Não são engraçados esses tios?

Segunda-feira, 13 de março

Este ano saiu à rua a procissão de Cinzas que há muitos anos não havia. [...] Eu gostei muito da procissão, mas meu pai disse que parecia mais um carnaval e mamãe achou que era um grande pecado meu pai dizer isso.

Terça-feira, 14 de março

O assunto da cidade é o ladrão misterioso; na Chácara de vovó não se fala de outra coisa. [...] Nós todos só poderemos ter sossego quando se pegar esse ladrão misterioso. (MORLEY, 2005, p.34-38)

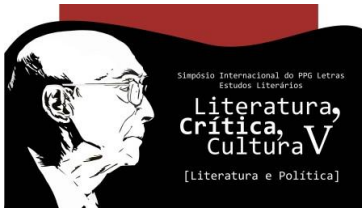
A citação, embora longa, foi necessária, pois coube salientar que de um dia narrado para outro os temas variavam bastante, por exemplo: a primeira destaca a questão da novidade que era para menina o sorvete, a segunda narrava a respeito da dor de dente da irmã, daí em diante falava-se de visita aos parentes, procissão e o aparecimento de um ladrão na cidade.

Apesar da descontinuidade dos fragmentos relatados, a obra no seu todo ganha um sentido. Este pareceu ser as preocupações que a escritora/narradora mostrava em relação à situação economicamente decadente de seu pai, empobrecido pela diminuição da extração de diamantes em sua lavra. Situação essa, compartilhada por muitos naquela cidade, naquele momento. Ao fim dos dois anos, relatados no diário, seu pai consegue uma colocação em uma empresa que chegou a Diamantina, sua avó faleceu deixando herança e isso apontou para dias melhores para a adolescente e sua família. Dessa forma, um dos elementos da tensão presente no texto, foi solucionado. Os dois últimos parágrafos do texto relatam:

O dinheiro que vovó deixou para mamãe foi pouco e meu pai pagou todas as dívidas e continuou na mineração. Mas logo as coisas mudaram e nossa vida tem melhorado tanto, que eu só posso atribuir à proteção da alma de vovó. Meu pai entrou para a Companhia Boa Vista e tudo dos estrangeiros é com ele, por que é o único que fala inglês e conhece bem as lavras. Agora não vamos sofrer mais faltas, graças a Deus.

Não é mesmo proteção de vovó lá no Céu? (p.335)

Outra questão que observamos se refere às datas, em todo o livro, elas não são uma após a outra necessariamente, a ordem que aparece na obra foi a transplantada para a citação e corresponde a 06/03; 09/03; 11/03; 13/03; 14/03, respectivamente. Em um primeiro momento, pode-se pensar que dias foram excluídos, selecionados pela escritora. Porém, esta em nota à primeira Edição, esclarece: “Nesses escritos nenhuma alteração foi feita, além de pequenas correções e substituições de alguns nomes, poucos, por motivos fáceis de compreender”. (p.14)



ISSN: 1983-8379

Em outra passagem, encontraremos o que seria a explicação para a descontinuidade nas datas. Diz Helena: “Eu estava com a pena na mão pensando o que havia de escrever, pois há dias não acontece nada.” (p.173)

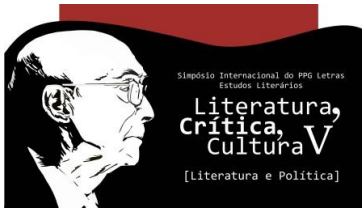
As mudanças nos nomes podem dizer respeito á questão de Helena ser um pseudônimo e esse é geralmente utilizado quando quer se expressar o nascimento de um outro eu, o eu literato; ou por que, como foi no caso de algumas das primeiras escritoras femininas, quer esconder o nome da família a que pertence, ou seja, é uma tentativa de evitar expor-se.

Porém, no que diz respeito ao conteúdo do livro e a sua autenticidade, Schwarz (2003) traz algumas considerações que foram debatidas à época de sua publicação, pois alguns duvidavam ser o livro exatamente como os originais. Outros pensaram ser o livro fruto de composição feita já pela escritora adulta e sobre isso Schwarz destaca a fala de Guimarães Rosa, para o qual “não existia em nenhuma outra literatura mais pujante exemplo de tão literal reconstrução da infância.” (p.45)

Schwarz considera também que “*‘Minha vida de Menina’* é um dos livros bons da literatura brasileira e não há quase nada à sua altura em nosso século XIX, se deixarmos de lado Machado de Assis.” (p.47) E ainda citou alguns ilustres fãs do livro, como é o caso de Carlos Drummond de Andrade e Elisabeth Bishop que o traduziu para o inglês. Sem a presença dos originais, o que temos para discutir é o dito pela escritora e qualquer coisa, além disso, constitui-se de mera especulação.

A origem do diário, enquanto *locus* de uma escrita de si, remete ao surgimento da ideia de vida privada, esse movimento de valorização de uma intimidade, dá-se no século XVIII. A afirmação dos diários e dos gêneros confessionais acontece, porém, no século XIX, sendo o século XX o momento em que esse se consolida como objeto mercadológico aprovado pelo gosto dos leitores. (MACIEL, 2007, p.05)

O sucesso do gênero tornou-se inegável desde a publicação de *O Diário de Anne Frank*. Segundo Maciel (2007) “Este diário, que já vendeu mais de 25 milhões de exemplares, [...] além de saciar nossa curiosidade histórica, é um alerta, enraizado na cotidianidade, sobre a condição humana e o sentido da vida.” (p.5) Porém, o sucesso de *Minha vida de menina*, não veio na esteira desse fenômeno internacional de vendas, mesmo porque fora publicado



ISSN: 1983-8379

antes dele. Seu sucesso advém de suas qualidades literárias e de corresponder ao momento em que a discursividade no qual se encontra inserido estar eminente aqui no Brasil.

A esse respeito, alguma distinção merece ser feita: uma coisa foi o diário de uma adolescente, de uma cidade no interior do Brasil, no qual são descritas cenas cotidianas de seu entorno e da intimidade familiar da menina; outra coisa foi a obra *Minha vida de menina*, que de certa forma fora constituída para ser um elemento propiciador de memórias para outros. Em prefácio elaborado por Alexandre Eulálio (2005) em 1959, pode ver-se uma tentativa de definição que a crítica produziu sobre o livro:

A meio caminho do documento e da ficção, caderno de anotações escrito à margem da literatura, num calmo dia-a-dia que a adolescência e a província iluminam de modo peculiar, essa história natural de uma menina do interior impôs-se pelas suas claras qualidades. A sensação de frescor que nos comunica cada página do livro, a franqueza imperturbável dos catorze anos da autora, cujo inconformismo sem rótulo resulta do mais autêntico humorismo – displicente, impiedoso, sem cerimônia -, colocam nessas memórias nos antípodas do tom acadêmico e do beltrismo e vêm-nas antes aparentar com literatura picaresca. (p. 07)

Por esse fragmento destacamos que Eulálio compreendeu *Minha vida de menina*, como algo “meio caminho do documento e da ficção”, como “história”, “memórias” e “literatura picaresca”. Percebemos que as discussões, já aqui apresentadas, entre os limites ficcionais/não-ficcionais e as relações entre história/memória e literatura autobiográfica, mais uma vez estiveram presentes na tentativa de analisar uma obra do universo da escrita de si. Porém ao fim de seu prefácio, Eulálio (2005) não só tenta concluir uma caracterização do livro como deixa também transparecer uma concepção de memória como reprodução ou cópia da realidade:

Seu diário é modesto e de admirável resultado desse trabalho realizado com desfastio. E assim deve ser encarado: uma espécie de amplo painel primitivo que minuciosamente reproduzia o límpido território humano da menina Helena Morley. (p. 12)

O livro fora publicado, pela primeira vez, em 1942, momento cujo entorno que perpassava a vida da escritora/narradora era tão diferente do período em que o diário fora escrito, que a mesma em nota à 1ª edição, destaca:

Não sei se poderá interessar ao leitor de hoje a vida corrente de uma cidade do interior, no fim do século passado, através das impressões de uma menina, de uma cidade sem luz elétrica, água canalizada, telefone, nem mesmo padaria, quando se vivia contente com pouco, sem as preocupações de hoje. (p. 13)



ISSN: 1983-8379

Seu relato dispõe sobre um Brasil que transitou de um modelo de economia e sociedade colonial, escravista, basicamente rural, para uma economia urbana e industrial. O Estado Novo varguista estabeleceu as bases da acumulação capitalista no Brasil ao consolidar a legislação trabalhista, investir em infraestrutura, fornecer empréstimos a juros negativos a empresas nacionais e ao atuar em áreas de base para a industrialização.

Era um novo Brasil, que se pretendia moderno e para tal deveria acompanhar o movimento geral da civilização ocidental, pois:

A revolução do moderno data do século XX. A modernidade, analisada até então apenas no plano das “superestruturas”, define-se, daqui em diante, em todos os planos considerados importantes pelos homens do século XX: a economia, a política, a vida cotidiana, a mentalidade.

O critério econômico torna-se primordial, [...] no complexo da economia moderna, a pedra de toque da modernidade é a mecanização, ou melhor, a industrialização. (LE GOFF, 1992, p.192)

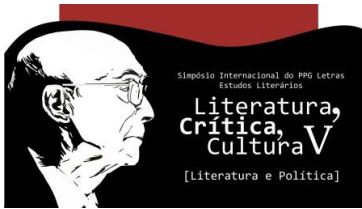
O projeto de um Brasil moderno começou a delinear-se na década de 1920, momento em que se percebia, pelo aumento dos descontentamentos (militares, operários/camponeses, industriais e intelectuais), que o modelo político e econômico que beneficiava algumas oligarquias, havia esgotado. O ponto de convergência dos protestos e questionamentos – além das denúncias contra as fraudes eleitorais – girava em torno da construção de um projeto nacionalista para o país.

## 2. O diário de menina vira obra modernista

Em 1922, ocorreu em São Paulo a Semana de Arte Moderna, evento que marcou definitivamente os novos rumos que a cultura brasileira iria seguir a partir de então. Os movimentos modernos do ocidente:

A afirmação de modernidade, mesmo que ultrapasse o domínio da cultura, refere-se antes de mais nada a um meio restrito, de intelectuais e tecnocratas. Fenômeno da tomada de consciência de um progresso, por vezes contemporânea da democratização da vida social e política, a modernidade mantém-se no plano da elaboração, de uma elite, de grupos, de capelas. (LE GOFF, 1992, p.197)

Porém, apesar do referido acima, os anseios e projetos dos intelectuais acabaram por chegar até o povo, pois com a chamada Revolução de 1930 e o início, como dito anteriormente, desse processo de inserção do Brasil no mundo moderno, muitos intelectuais modernista passaram a ser quadros do governo Vargas e a elaborar políticas públicas que



ISSN: 1983-8379

efetivamente alteraram a vida nacional – como o próprio relato de Helena, anteriormente citado, mostrou.

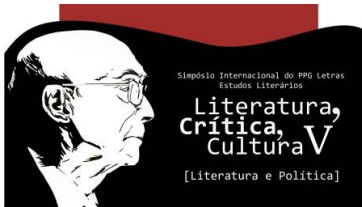
Um dos tópicos que uniam os intelectuais brasileiros ditos Modernistas, apesar das suas diferentes visões, foi a valorização dos aspectos e dos elementos nacionais. Aqui no Brasil a querela antigos/modernos, além de se dar no âmbito da linguagem artística, que negava o academicismo, deu-se também na construção de um universo intelectual e artístico novo e próprio, em detrimento das “cópias” que eram realizadas, pelos intelectuais “antigos”, das escolas europeias. Sobre a exaltação do estrangeiro que se procedia no Brasil, Helena confere:

Nós temos mania de achar tudo que é de fora melhor do que o nosso. Doutor só tem valor vindo de fora. Rapaz, para as moças ficarem com influência, tem que vir de fora. O que é nosso não presta, só de outras terras é que é bom. Eu mesma pensava isso. Não vou pensar assim. O que é mau há de ser bom de agora em diante. (MORLEY, 2005, p. 134)

A valorização excessiva de tudo o que vinha de fora, inclusive das “gentes”, tinha sua origem fincada nos padrões econômicos, estéticos e socioculturais estabelecidos pela colonização europeia de nossas terras. A colonização europeia, em toda América, deu-se de forma a destruir ou incorporar em parte, (se necessário à dominação) os valores dos povos subjugados. As diferentes contribuições dos povos africanos e nativos foram consideradas pagãs, diabólicas, selvagens, inferiores pelos colonizadores.

A formação do Estado Nacional brasileiro manteve esse padrão, cabendo a Literatura romântica de José de Alencar construir o mito fundador brasileiro. Neste a mistura de raças está presente, porém é clara a posição de inferioridade no qual a mulher e o nativo foram colocados.

Em consonância com esse ideário fora incorporado à visão da sociedade brasileira, as concepções deterministas, segundo as quais existe povoando o mundo, raças inferiores e superiores. Tal discurso embasava a justificativa europeia para sua dominação imperialista do globo, e aqui no Brasil servia à classe dominante branca como mecanismo legitimador de sua hegemonia. Dessa forma, mesmo colocando-se de forma secundária, uma vez que era considerada uma terra de mestiços e nos trópicos, o Brasil atrelou seu discurso ao europeu e o considerou válido e verdadeiro, pois dessa forma garantia a dominação interna. (ORTIZ, 1994, p.27-35)



ISSN: 1983-8379

Intelectuais do movimento de 1922 e outros, mesmo com suas diferenças que não eram pequenas, esforçaram-se por produzir um novo espelho para o Brasil. Nesse espelho, o povo deveria se ver e se reconhecer, valorizando-se a partir de suas características nativas e mestiças.

Como já dissemos, o Estado Vargasista, instaurado com a Revolução de 1930, foi o promotor da mudança que produziu uma nova brasilidade. O mestiço, antes desvalorizado e compreendido como o elemento que gerava o atraso no Brasil, passou a ser considerado o “verdadeiro brasileiro”, tendo sua cultura e língua evidenciada pelas novas produções artísticas e intelectuais. Podemos dizer que a obra referência para essa mudança de postura foi *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (2001). Esta obra:

[...] transforma a negatividade do mestiço em positividade, o que permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que há muito vinha sendo desenhada. Só que as condições sociais eram agora diferentes, a sociedade brasileira já não mais se encontrava num período de transição, os rumos do desenvolvimento eram claros e até um novo Estado procurava orientar essas mudanças. [...] a ideologia da mestiçagem [...] ao ser reelaborada pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional.  
(ORTIZ, 1994, p.41)

A produção intelectual modernista passou a dar vez e voz a novos e velhos personagens, aproximando a linguagem escrita à fala do povo, reivindicando também uma gramática brasileira. Essa brasilidade mestiça expressa entre outras coisas pela fala, é uma constante na obra de Helena. Ao narrar, a escritora toma o cuidado de transcrever o diálogo como ele ocorreu, havendo pessoas que se expressam por meio da língua padrão e outras não. Assim a oralidade se põe à mostra em seu texto e pode ser observada em alguns fragmentos:

Terça-feira, 10 de janeiro

[...] “Não pensei ainda não, mas viver a gente veve de qualquer jeito. Deus é que ajuda” (p.20)

Terça-feira, 20 de março

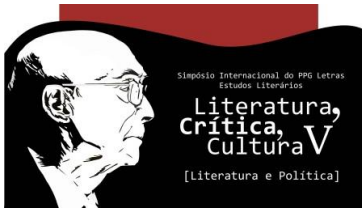
[...] Vovó perguntou: “Que é isto? Aonde vão todos assim?”

Foi Benfica que respondeu: “Giniroso não viu treva. Bom; Giniroso não viu treva; Giniroso não viu lava-pé. Bom; Giniroso não viu lava-pé. Giniroso e nós tudo vê inforcá o juda que vendeu Nossinhô, once não vê que não é possive?” (p.139)

Quinta-feira, 13 de junho

[...] Os home pegaro no caixão, ‘tava muito pesado e eles deixaro ele caí de novo pra pegar de jeito. [...] O susto dela vivê foi maió que o da morte. A mulhé já foi acordando e brigando com as irmã e mandando todas saí de casa porque disse que elas, si havia de chorá a morte dela, ficaro só brigando por causa das coisas dela. [...](p.261, 262)





Percebemos por esse relato que a fala do negro foi mantida e não transposta para o português padrão como era feito pelos movimentos literários anteriores ao Modernismo brasileiro.

Le Goff procurou esclarecer o que, para ele, se pode nomear como modernismo ou modernidade, seria “a tomada de consciência das rupturas com o passado e da vontade coletiva de as assumir”. (LE GOFF, 1992, p.196)

Nesse sentido, não podemos falar de modernismo sem retomar o conflito entre o que se pretende novo e o velho. Porém, “o novo não é exatamente o moderno, salvo se é portador da dupla carga explosiva: ser negação do passado e ser afirmação de algo diferente”. (PAZ, 1984, p.20) No caso brasileiro, tal luta fica evidenciada, como já destacamos, entre questões relativas ao nacional X estrangeiro e à mistura X pureza.

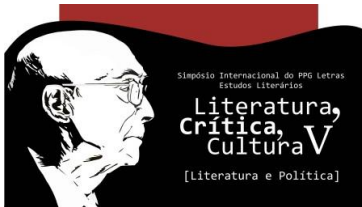
A ruptura aqui processada diz respeito ao novo olhar que será lançado sobre os valores sobre os quais a sociedade até então estava assentada. Produziu-se uma guinada que foi do rural ao urbano, do agrário ao industrial, do mercado externo ao interno como espaço de realização econômica e acima de tudo, uma sobrevalorização do que foi identificado como constituinte do nacional.

Porém, o modernismo à brasileira, apesar de tributário das vanguardas europeias, ao contrário do Futurismo de Marinetti, não pretendeu “demolir os museus e as bibliotecas” não negou a possibilidade de qualquer volta ao passado. Ao contrário disso, procurou reescrever a História e a literatura brasileira, a partir de seu olhar.<sup>2</sup>

Assim, o diário de Alice Dayrell, uma simples adolescente do fim do século, residente em Diamantina, torna-se a obra *Minha Vida de Menina*. Houve uma transformação de um diário local, em que uma menina guardou, por meio de uma seleção, os fatos de que ela gostaria de se lembrar, em memória dos e para os outros. Sua obra insere-se em contexto no qual se pretendia reler o passado, construindo uma nova história que deveria ser nacional e coletiva, pois considerava-se suas memórias como a representação do passado.

---

<sup>2</sup> Sobre Futurismo e vanguardas, consultar: TELES, G. M. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.



ISSN: 1983-8379

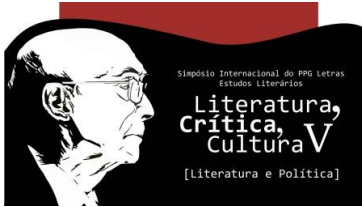
Helena Morley assinou um diário provido da “função de autor”, ou seja, “característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de alguns discursos no interior de uma sociedade.” (FOUCAULT, 1992, p.46) Seu nome passou a se filiar a um certo discurso pertencente a um estatuto, ou seja, um escrito confessional ganhou ares de “lugar de memória” (NORA, 1993), pois estava inscrito na discursividade moderna. Segundo Foucault função de autor:

[...] está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra e determina, articula o universo dos discursos: não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários ‘eus’ em, simultâneo, a várias posições de sujeito que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (1992, p.56-57)

Trilhando os caminhos de Foucault, compreendemos que o olhar depositado sobre uma obra, não deve procurar relacionar automaticamente a mesma a seu autor, mas sim a um certo discurso, vinculado a uma época regida por determinadas concepções. O diário íntimo feminino tão em voga na Europa no Século XIX e XX torna-se uma narrativa de memória para os brasileiros. Nada mais antropofágico... (ANDRADE, 1997)

## Referências

- ANDRADE, Oswald, Manifesto Antropófago. In: TELES, G, M. Vanguarda europeia e modernismo brasileiro. Rio de Janeiro: Vozes, p. 353-360,1997.
- EULÁLIO, A. Livro que nasceu clássico. In: MORLEY, Helena. Minha vida de Menina. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2 ed. 2006.
- \_\_\_\_\_. O que é um autor? Passagens, 1992.
- \_\_\_\_\_. A ordem do discurso. São Paulo: Ed. Loyola,1996.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. 43<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro:Record, 2001.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1992.
- MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os gêneros confessionais. Disponível em: <http://www.cptl.ufms.br/pgletras/docentes/sheila/A%20Literatura%20e%20os%20g%EAneros%20confessionais.pdf> > Acesso: 10/10/2010



ISSN: 1983-8379

MORLEY, Helena. Minha vida de Menina. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. In: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História do Departamento de História. PUC-SP, n<sup>o</sup> 10, dezembro/1993.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PAZ, Octávio. Os filhos do barro – do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

SCHWARZ, Roberto. Duas meninas. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.